

ZUMZUMZUM, HOJE TEM CAPOEIRA, EU VOU: PROCESSOS DE IDENTIDADE E REPRESENTAÇÕES NO INTERCÂMBIO TRANSNACIONAL DA CAPOEIRA FORA DO BRASIL

ZUMZUMZUM, THERE'S CAPOEIRA TODAY AND I'M GOING: PROCESSES OF IDENTITY AND REPRESENTATIONS IN THE TRANSNATIONAL INTERCHANGE OF CAPOEIRA OUTSIDE OF BRAZIL

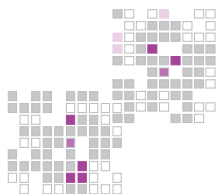
ZUMZUMZUM, HOY HABRÁ CAPOEIRA, YO VOY: PROCESOS DE IDENTIDAD Y REPRESENTACIONES EN EL INTERCAMBIO TRANSNACIONAL DE LA CAPOEIRA FUERA DEL BRASIL



Rosana Martins

■ Cientista social formada pela USP, mestre e doutora pela ECA-USP. Pós-doutoranda e pesquisadora do Centro de Investigação Media e Jornalismo, Universidade Nova de Lisboa, e Centro de Estudos Cibernética Pedagógica – ECA-USP. Autora: Hip-Hop. O estilo que ninguém segura (Esetec, 2006); Admirável Mundo MTV Brasil (Saraiva, 2006); Direitos Humanos Segurança Pública & Comunicação (Acadepol, 2007).

■ E-mail: E-mail: rosanasantosposse@yahoo.com.br



RESUMO

A internacionalização da capoeira coloca em questão a problemática da herança cultural da capoeira e sua identidade pelo mundo. Tudo isso contribui também para a complexidade e heterogeneidade entre os grupos capoeirísticos tanto na maneira de se pensar e praticar a capoeira. O artigo propõe investigar a relação transfronteiriça da capoeira, tendo como campo de análise os grupos em Londres e, sua produção simbólica, sublinhando os aspectos ideológicos e materiais da cultura e o papel social que ela possa ocupar. Caminharemos ao encontro da abordagem teórica do *Cultural Studies* como área multifacetada de estudos que concebe a cultura como campo de luta e arena política.

PALAVRAS-CHAVE: ESTUDOS CULTURAIS; COMUNIDADE; TRANSNACIONALIDADE; IDENTIDADE.

ABSTRACT

The internationalization of capoeira raises the issue of the cultural heritage and identity of capoeira worldwide. All of this also contributes to the complexity and heterogeneity between capoeira performing groups, both in their way of thinking and of practicing capoeira. The paper proposes to investigate the cross-border relationship of capoeira, using as a field of analysis the groups in London and its symbolic production, underlining the ideological and material culture and social role that it can occupy. We will move towards the theoretical framework of Cultural Studies as a multifaceted area of study that sees culture as a battlefield and political arena.

KEYWORDS: CULTURAL STUDIES; COMMUNITY; TRANSNATIONALISM; IDENTITY.

RESUMEN

La internacionalización de la Capoeira coloca en tela de juicio la cuestión de la herencia de la capoeira y su identidad en todo el mundo. Todo esto también contribuye a la complejidad y la heterogeneidad entre grupos capoeirísticos mucho en la forma de pensar y practicar la capoeira. El artículo se propone investigar la relación transfronteriza de la capoeira, teniendo como espacio de análisis los grupos en Londres y, su producción simbólica, subrayando los aspectos ideológicos y materiales de la cultura y el papel social que ella puede ocupar. Caminaremos al encuentro del abordaje teórico del Cultural Studies como área de múltiples facetas de estudio que concibe a la cultura como un campo de batalla y arena política.

PALABRAS CLAVE: ESTUDIOS CULTURALES; COMUNIDAD; TRANSNACIONALIDAD; IDENTIDAD.



A arte é ampla, tem espaço pra tudo, e aqueles que estão envolvidos na arte direta ou indiretamente acabam sendo parte dessa história, desse globo chamado capoeira.

Instrutor Madeira, grupo Muzenza-Londres

O capoeirista não é aquele que sabe movimentar o corpo, e sim, o que se deixa movimentar pela alma.

Mestre Pastinha

Eu não sigo nenhuma vertente da capoeira eu sou neutro, eu sou capoeirista... peguei o bonde andando em 78, não adianta perguntar qual é minha vertente, minha árvore, e não adianta perguntar qual a capoeira que pratico que você só vai compreender é só conhecendo meu trabalho, me vendo na roda.

Mestre Joãozinho da Figueira, Capoeira MarAzul-Londres

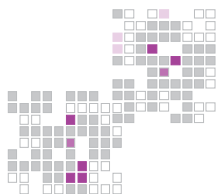
Da linguagem do subalterno ao poder hegemônico do sistema, a capoeira fora do Brasil se recoloca, nos dias atuais, diante de uma nova “embalagem” da égide do capital nas suas dobraduras históricas. Nesse mesmo contexto, para Assunção (2005), a diáspora da capoeira vem se tornando uma expressão de pós-moderno *chic*, com a incorporação da prática em comerciais de mobile, tênis de marca como Nikewoman, produtos de cabelo, cerveja, absorventes cujo jargão é “não limites para os movimentos”¹. Assim, considerando essas afirmações, é interessante evidenciar a configuração da capoeira nos dias atuais como parte integrante do mercado simbólico pós-moderno global das metrópoles.

1 Ver em: <http://www.youtube.com/watch?v=z1RHR4qH_WA&feature=related>; <<http://www.youtube.com/watch?v=30HF4EduFuW&feature=related>>; <<http://www.youtube.com/watch?v=YhmjxjPsKqQ&feature=related>>; <<http://www.youtube.com/watch?v=6jlnUM-LiSA>>; <<http://www.youtube.com/watch?v=VtcmY3pAI4M&feature=related>>.

Na tentativa de compreensão dos processos históricos influenciados e influenciadores da ressignificação do sentido da capoeira no mundo globalizado, torna-se interessante considerar a configuração da nova fase atual da sociedade, que Fredric Jameson (1997; 2001) chamará pós-modernidade ou capitalismo tardio, e que diz respeito ao avanço que o tecnológico alcançou a ponto do tecnologicamente novo passar a ser o próprio objeto do consumo cultural e a cultura pós-moderna a expressão de uma danificação do sujeito histórico. Nessa concepção, o autor faz a reapropriação da teoria oriundas do marxismo adorniano para a compreensão das atuais transformações da sociedade contemporânea mediante as categorias não-identidade e modo de produção.

Para Jameson, se a modernidade esgotou a sua possibilidade de forjar um sujeito autônomo, naquele sentido apontado pelo projeto do esclarecimento; na medida a reificação, expandida à era pós-moderna, impossibilita-nos de pensar o econômico e o estético como duas esferas distintas. Nesse sentido, como lógica social, “o sistema” apresenta-se simultaneamente como moralidade (um sistema de valores ideológicos) e um sistema de comunicação. Pode-se dizer que a mercantilização estandardizada da vida cotidiana constitui hoje um dos principais cânones de localização do próprio indivíduo no processo social, à medida que o consumo é visto como sinônimo de “real” existência e a identidade passa, então, a ser formada e transformada continuamente pelos sistemas culturais mundializados que nos rodeiam, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno até aqui visto como um sujeito unificado (Hall, 1999).

Seguindo a mesma linha de pensamento, Zigmunt Bauman (1998) concluirá que no mercado são colocados à disposição juntos, diferenciados elementos do “*identikit*” do eu numa ampla gama de identidades que podem ser usados diferente-



O fato é que vivemos num período histórico em que a valorização exacerbada do tempo presente não nos permite olhar o passado enquanto força instauradora, mas como algo que passou e é incapaz de fazer sua aparição e irromper no presente.

mente, isto é, que produzem resultados diferentes uns dos outros e que são assim personalizados, feitos sob medida para melhor atender às exigências da individualidade como parte de um estilo de vida especial.

Em consonância ao contemporâneo, a cultura do consumo assinala a produção cada vez maior dos bens culturais, enquanto mercadoria. Podemos falar de uma nova ordem social, cujas mercadorias deixam de ser simples apropriação de um valor de uso, passando progressivamente ao consumo de signos e imagens (Canevacci, 2009).

O fato é que vivemos num período histórico em que a valorização exacerbada do tempo presente não nos permite olhar o passado enquanto força instauradora, mas como algo que passou e é incapaz de fazer sua aparição e irromper no presente. Todas as perspectivas de transformações e mudanças estão depositadas num futuro que nunca chega. O presente, então, eterniza-se. Impedimos, assim, que o passado possa vigorar no presente e, desse modo, interferir no futuro.

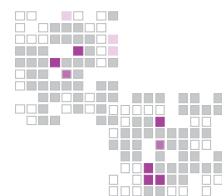
Se no passado mestres, que são reconhecidos e reverenciados nos cantos e nas rodas de hoje (Mestre Bimba e Mestre Pastinha, por exemplo), compartilharam um mesmo destino de falecer na miséria; em tempos atuais, as novas gerações de capoeiras tentam se esquivar desse destino procurando se inserir no processo de reestruturação do capitalismo e mundialização do capital. Aqui temos o aparecimento desse novo “trabalhador da capoeira” que ocupa o chamado mercado não-formal.

“...Quando eu cheguei aqui na Inglaterra

... você ia numa academia e dizia “eu dou aula de capoeira”, e as pessoas falavam “você da aula do que? Acho que a gente não está interessado”... hoje eles falam “nossa que legal, a gente tá querendo colocar capoeira aqui, tá muito famoso no momento, tem muita gente procurando”... já quer te alugar o espaço ou já quer te contratar... é mais alugar o espaço... A capoeira está pegando espaço nas escolas, nas comunidades, nos centros comunitários. Ainda está engatinhando, porque agora é que os primeiros capoeiristas no país estão se legalizando, agora é que eles estão se dando conta o que eles podem fazer aqui...” (Entrevista realizada com José Marcelo de Lima, instrutor Madeira, Grupo Muzenza, no dia 19 de novembro de 2010, Londres, Reino Unido).

Com efeito, a capoeira como atividade laboral vem contribuindo para sua ressignificação na contemporaneidade, tanto atendendo à lógica de difusão da língua portuguesa no mundo, como atendendo aos anseios do modo de produção capitalista, organizada e estruturada na lógica empresarial.

... São cento e sessenta (160) países que praticam a capoeira, grupos de interventores, e mestres como embaixadores. Aqui fora, então, a importância é linguística e, sobretudo, financeira. A gente envia pro Brasil milhões de dinheiro seja lá em que moeda você quer converter... nós somos um capital simbólico aqui fora, a gente tá mandando gente pro Brasil todo ano, o pessoal chega lá no Rio (Rio de Janeiro), em Salvador (Bahia) e gasta muito



dinheiro...turista cultural ... vão pra ficar um mês jogando capoeira... (Entrevista realizada com Carlo Alexandre Teixeira da Silva, Mestre Carlão, grupo Kabula, no dia 7 de novembro de 2010, Londres, Reino Unido).

Todos os anos, milhares de estrangeiros viajam ao Brasil para praticar capoeira e conhecer os famosos mestres, de quem tanto escutam histórias, seja em músicas ou em conversas informais durante os treinamentos e rodas. Esses estrangeiros, que em seus países fazem aula de capoeira (normalmente com professores brasileiros que foram morar no exterior), também costumam convidar, frequentemente, os mestres de maior prestígio que residem no Brasil para ministrarem cursos e palestras no exterior. Porém, a inserção da capoeira no âmbito internacional, traz também o surgimento das franquias de capoeira, a organização da capoeira em grupos que se estruturam visando o aspecto financeiro ao objetivar o maior número de adeptos.

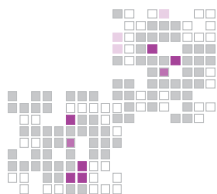
No sentido de amplamente difundida, a cultura da capoeira (angola, regional ou contemporânea) pode nos remeter ao campo das disputas em torno do prestígio e do poder. Além disso, o discurso acaba por cair no campo da espetacularização das identidades, no momento em que os capoeiristas invocam e reivindicam uma pureza da tradição, sendo que na prática o discurso acaba por transpor esses limites.

... O grupo cordão de ouro cresceu muito rápido. Os grupos geralmente incham e não crescem ... eles não crescem de dentro pra fora, eles crescem entrando capoeiristas de outros grupos ... eu brigo com o mestre vou lá no seu mestre e falo com ele e ele me aceita no seu grupo. Não são todos os mestres que fazem isso, mas uma grande parte faz isso, até por motivos financeiros, e por motivos pessoais de crescer o grupo, que eu acho uma maneira muito erra-

da... (Entrevista realizada com José Antônio, Mestre Zé Antônio, grupo Cordão de Ouro-Guaratingueta, São Paulo- Brasil, no dia 20 de outubro de 2010, Londres, Reino Unido).

...Da explosão da capoeira, o lado positivo é que hoje tem trabalho pra muita gente... muitas pessoas podem ganhar a vida com capoeira, o que não acontecia no passado, os capoeiristas morrendo de fome ... Estamos vivendo um momento muito delicado os grupos de capoeira não são mais grupos e sim empresas de capoeira... a essência fica muito perdida... A capoeira já é uma peça de uma indústria cultural ... calça de capoeira com o símbolo do grupo, camisa da capoeira com o símbolo do grupo, com chapéu de capoeira com o símbolo do grupo, com tênis de capoeira com o símbolo do grupo... quer dizer, no passado o capoeira se escondia...essa ai é toda a questão do marketing da capoeira, do comércio da capoeira, do mercado ... eu tô na moda da capoeira... Tem grupos de angola também que só pode jogar com a camisa do grupo, porque o mestre falou, então é tudo verdade...O futuro é a franchise, o mesmo hamburguer, com o mesmo gosto no mundo inteiro... (Entrevista realizada com Guaraci, Mestre Guará, Escola Capoeira Angola de Pari- França, no dia 28 de novembro de 2010, Londres, Reino Unido).

Diante de certo padrão mercadológico que vem influenciando o desenvolvimento da capoeira, chamamos a atenção para o processo de “unidimensionalização da capoeira” (Vieira, 1989) – no “pacote” o aluno de capoeira adquire os produtos capoeirísticos do grupo, sendo que alguns deles (abadá) torna-se pré-requisito obrigatório para o pertencimento a determinado grupo -, o que pode desembocar na supressão e redução da possibilidade de se constituir num meio de expressão espontânea das características individuais. Como salienta Carlos Soares (2002), podemos detectar que esse processo não é inteiramente novo, já que



Todos os anos, milhares de estrangeiros viajam ao Brasil para praticar capoeira e conhecer os famosos mestres, de quem tanto escutam histórias, seja em músicas ou em conversas informais durante os treinamentos e rodas.

nos anos da monarquia a capoeira era uma febre entre jovens de elite ou de “boa família” que seduzidos pelas acrobacias e golpes, passaram a aderir ao mundo da capoeiragem.

Contudo, a padronização e segmentação do fluxo transnacional da capoeira na contemporaneidade pode perigosamente atender à lógica da problemática do “mercado comum de imagens”. Tudo isso contribui para a complexidade e heterogeneidade entre os grupos e na maneira de pensar a capoeira e praticá-la. Nessa trajetória de expansão internacional da capoeira, a dialética da homogeneização-assimilação e da heterogeneização pode ser abordada na tentativa do resgate às tradições, que automaticamente concide com o discurso da revalorização da prática e do fortalecimento da capoeira.

Da oposição entre os simples comerciantes e os “criadores” autênticos, se tomarmos a determinação feita por Walter Benjamim (1996), da obra tradicional por meio da aura, percebemos no decorrer da pesquisa de campo realizada em Londres (de setembro a dezembro de 2010) que é muito recorrente nas falas de capoeiristas a defesa da capoeira contra o *desencantamento*, e uma suposta ausência do valor de uso da mesma enquanto “mercadoria cultural”.

O alargamento da capoeira para além das fronteiras brasileiras transformou-se numa expressão daquilo que o sociólogo Renato Ortiz (1994), denominou cultura internacional-popular, para quem a mundialização tem uma conexão clara com a temática da indústria cultural. Para Ortiz, a discussão sobre cultura de massas pressupõe a idéia de homogeneização, mas que para o autor torna-se difícil de sustentar num mundo globalizado. Certamente existe hegemonia cultural,

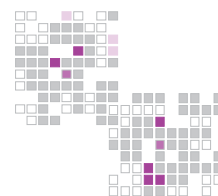
relações de poder, mas sabemos que hegemonia não é sinônimo de homogeneização. O mundo é assimétrico, desigual, injusto, mas heterogêneo.

Assim, foi destacado nas falas dos entrevistados o contradiscurso da estandarização da capoeira e dos vetores da massificação cultural. É acentuado aqui a importância da autenticidade e legitimidade da capoeira buscada através de um vínculo com o passado, algo que coloque determinado mestre como herdeiro de alguma tradição reconhecida da capoeira.

“Quem é seu mestre?”

Consequentemente, na tentativa de barrar a pausterização da capoeira transfronteiriça, Mestre Valmir Dasmaceno reflete sobre os emergentes da capoeira.

... Quem foi o mestre dele...por que isso também é uma forma de negar a sua origem dentro da capoeira...vou usar uma metáfora, quando o filho é feio todo mundo renega, mas se o filho é bonito todo mundo quer ser o pai. Isso é negar que a capoeira é um movimento social, que sai de um país de terceiro, quarto, quinto mundo e isso é mentalidade de colonizador. Então isso é um branqueamento ... será que essa pessoa vai ganhar força? Ele vai cantar inglês só no grupo dele, porque e se ele resolver abrir um grupo na China vai cantar em que chinês...se resolver abrir um grupo no Japão ele vai cantar em japonês? E na Finlândia canta em finlandês...e aí chega numa roda global, qual é a língua que vai ser trabalhada? ... Se você anula e aniquila essa identidade que é um movimento afro-brasileiro, tudo é permitido, não existe regras ... eu pra me formar mestre



de capoeira levei vinte três anos, tem gente que com cinco anos vira mestre ... é o que chamamos de emergentes na capoeira angola... Tem uma história por trás disso, uma trajetória que não pode apagar...”(Entrevista realizada com Mestre Valmir Santos Damasceno, presidente da Federação Internacional de Capoeira Angola (FICA) - sede Bahia-Brasil, no dia 05 de novembro de 2010, Londres, Reino Unido).

O mestre simboliza a sabedoria e tem como função ser o guardião das tradições, dos saberes da ancestralidade, e que são dignificados nessa memória coletiva. Estes guardiões dos saberes referentes à capoeira - como os mestres Pastinha, Bimba, Valdemar, Canjiquinha, Cobrinha Verde, Besouro Mangangá, João Pequeno, João Grande, e tantos outros -, preenchem o imaginário de todos os capoeiristas, e que são lembrados nos cantos das rodas de capoeira (Cf. Reis, 2000; Assunção; Mansa, 2009). Desse modo, a idéia de linhagem, a árvore genealógica - é fundamental para o reconhecimento e respeito neste campo social². Através da oralidade, o mestre é capaz de restituir esse passado como força instauradora que irrompe para dialogar com o presente, e conduzir a ação construtiva para o futuro. No entanto, a figura do mestre, como detentor da verdade absoluta, é vista com paradoxo na fala dos entrevistados.

...Acho que tem um diferença do que é tradição oral que vem dos mestres, que vai de Pasti-

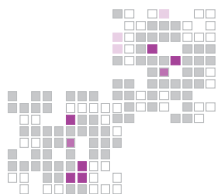
2 Pierre Bourdieu compreende que os atores sociais estão inseridos espacialmente em determinados campos sociais, a posse de grandezas de certos capitais (cultural, social, econômico, político, artístico, esportivo etc.). Para Bourdieu, campos são “espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas)”. Independentemente de sua especificidade, os campos possuem leis gerais invariáveis e propriedades particulares. Um campo estrema-se, entre muitos aspectos, pela definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos do próprio campo (Cf. Bourdieu, 1983).

nha à Bimba, aqueles mestres antigos. É diferente daquela explicação que qualquer professor dá ... capoeirista também é malandro, pergunta uma coisa ele vai dar uma resposta rápido, ele vai enganar. Você não pode tomar tudo que o mestre de capoeira fala como verdade absoluta...acho que não pode exagerar assim nessa coisa da tradição oral ... o mestre de capoeira ele vive no mundo moderno, contemporâneo ele é exposto a muitas influências; ele vê televisão, ele ouve rádio, lê jornal ... as coisas que acontecem ao redor dele, ele vai incorporar no discurso...ele vai usar e adaptar as informações que ele recebe... (Entrevista realizada com o historiador e professor da Universidade of Essex, Matthias Röhrig Assunção, no dia 27 de novembro de 2010, Londres, Reino Unido).

Acreditamos que estes aspectos assinalados na fala de Assunção, marcam o embate entre “localização da cultura” – para usar livremente a expressão de Homi Bhabha (1998) – e a questão da desterritorialização introduzida pelos fluxos globais ao desencadear uma lógica que não exige o fim das referências locais, mas as reinscreve num terreno em que estas não mais podem se definir pelo isolamento nem tampouco pela territorialidade.

A internacionalização da capoeira pode permitir a emergência de novas formas de identificação coletiva, as quais, não mais se definam em função de um pertencimento territorial, ou de uma tradição imemorial, mas em função de questões de relevância global, e que acabam por se subtrair às exigências de lealdade tradicional ou de atuação localizada. Não se trata, exatamente, de um “fim das culturas”, mas de um contexto novo de processos de ressignificação de práticas e valores.

...as pessoas em UK tem muito pouco tempo livre. O ritmo de vida acelerado leva as pessoas a praticarem a capoeira, e necessidade de uma atividade que consiga abstrair o ritmo de



Contudo, a padronização e segmentação do fluxo transnacional da capoeira na contemporaneidade pode perigosamente atender à lógica da problemática do “mercado comum de imagens”.

trabalho ... é uma oportunidade de conhecer pessoas diferentes, praticar uma atividade física que não tem nada a ver com o cotidiano de cada um, e também a oportunidade de se identificar com um grupo de pessoas ... O elemento de estar com uma pessoa diferente, de praticar algo diferente e que vai ser agradável, positiva, divertida ... a capoeira tem o sentimento de família... (Entrevista realizada com Nélío Rodrigues, graduado Manjerico, Abadá Capoeira- UK, no dia 20 de outubro de 2010, Londres, Reino Unido).

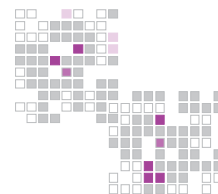
O sentido de pertencimento a um grupo de capoeira reúne todos os elementos que constituem as características de uma comunidade. A identidade é a referência, é o ponto relativamente ao qual se define a noção de pertencimento que está vinculado a ideia de socialização e redefinida no papel simbólico do pertencer – espaço onde cada indivíduo é levado a se ver como um indivíduo social e a fazer suas normas de pertencimento social, fazer parte, inserir-se, ser membro (Miège, 1999).

... quando você está numa roda você se conecta com todas as rodas anteriores que você jogou ... conheci mestres que já morreram, é uma emoção...é tudo aquilo que você experimentou, tem outra dimensão também quando você está fora do Brasil, está com saudade do país, você vai numa roda de capoeira e esquece que está fora do Brasil, conecta, é todo um axé, uma energia ... não importa mesmo se a metade das pessoas que estão ali não são brasileiras, não importa. Eu saio da minha roça e venho, e pego esse axé, e me ajuda a sobreviver porque aqui no inverno não dá ...

uma boa roda, um samba de roda lá no Joãozinho³, é uma maravilha. Eu conheço uma série de pessoas que também vão na roda e conectam com uma energia que faz falta aqui em UK ... minhas amizades, os amigos que tenho aqui em Londres é através da capoeira. E interessante na capoeira de Londres é que tem uma galera muito multicultural ... tem uma história própria de diáspora, como eu que nasci num lugar e me criei em outro, e depois vivi em outro, e fala várias línguas, tem o problema porque o tempo todo as pessoas ficam cobrando identidade, não quer ser enquadrado em gavetas muito rígidas ... aqui em Londres através da capoeira, eu me conectei com pessoas que sinto muito irmãs nessa coisa de que a cultura não é essa coisa muito fechada ... a identidade que a capoeira cria é muito importante, eu vi isso no trabalho que estou fazendo agora como pesquisador em Angola. O país passou por muitos anos de guerra, muitas pessoas tiveram que sair do seu lugar de origem...estão longe da família, as pessoas que fazem capoeira, a capoeira criou uma identidade muito forte.... pertencer a uma comunidade... (Entrevista realizada com o historiador e professor da Universidade of Essex, Matthias Röhrig Assunção, no dia 27 de novembro de 2010, Londres, Reino Unido).

O mundo inteiro está de pernas pro ar, tem muita gente querendo vadear.

3 O entrevistado se refere a uma roda que acontece no grupo Marazul, do Mestre Joãozinho da Figueira, todas as sextas-feiras e que integra diversos capoeiristas e grupos em UK e convidados de fora do país. Após a roda, o mestre proporciona aos seus convidados um delicioso caldo de feijão e um samba de roda, no bar do português perto do local.



Meu coração fica alegre a sonhar em ver essa tribo toda junta a cantar.

Refrão - Paranaê, paraná, paraná...

Meu berimbau toca aqui sem parar, chamo você, vem pra aqui, vem pra cá.

Ficar de fora não é bom nem pensar, pois nesta roda todos estão a cantar

Refrão - Paranaê, paraná, paraná...

Venha comigo pois eu vou lhe mostrar, um mundo novo pra você se alegrar.

Outra energia você vai encontrar e muita gente junta para cantar.

Refrão - Paranaê, paraná, paraná...⁴

Valeu você que aqui fez chegar, esta energia que circula no ar.

Pois essa tribo comigo vou levar, juntos e fortes poderemos cantar.

Refrão - Paranaê, paraná, paraná...

(Mestre Joãozinho da Figueira, 2007)

... a capoeira é como uma família ... da força, que quando está no estrangeiro você está longe da família ... se sente mais forte ... é mais quando está no estrangeiro que você necessita se sentir em casa...na capoeira sente isso... (Entrevista realizada com Fadista, aluno Abadá-Capoeira UK, no dia 10 de novembro de 2010, Londres, Reino Unido).

O termo comunidade tem um forte sentido para os praticantes da capoeiragem. O sentido de pertencimento comunitário que vai da solidariedade entre seus membros, a cooperação em atividades de mobilização do grupo são exemplos

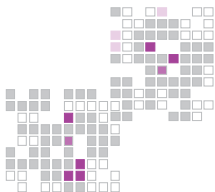
⁴ A letra escrita em 2007 pelo Mestre Joãozinho da Figueira reflete o período em que o mestre vê a capoeira em Londres se expandir e, ao mesmo tempo, ganhar nas rodas em UK uma maior integração e participação entre os praticantes dos diferentes estilos de capoeira (regional, angola, contemporânea).

de como o sentido de comunidade ganha sua expressividade no mundo da capoeira.

Ferdinand Tönnies (1991), no início do século passado já fazia sua crítica à passagem de um modelo tradicional a comunidade, para um modelo complexo – a sociedade. Para ele, a sociedade caracteriza-se pela racionalização e pela complexidade de suas relações. Diferentemente, a vida em comunidade guiaria para uma vida mais orgânica, verdadeira e duradoura entre os homens, portanto, da vida em comunidade, concebida como uma vida real e orgânica. Enquanto na comunidade, os homens permanecem essencialmente unidos, a despeito de tudo que os separa, dizia Tönnies, na sociedade eles estão essencialmente separados, a despeito de tudo que os une.

Os crescentes desafios da sociedade contemporânea, guiada pelo senso de mercado de produção e consumo de bens, e o sentido de pertencimento comunitário é retratado no livro *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, pelo sociólogo Zigmunt Bauman (2002). O autor traz uma contextualização acerca das comunidades no mundo contemporâneo. Bauman questiona até que ponto poderemos falar em comunidade num mundo que cada vez mais se torna *desenraizado* ou *desencaixado*, para usar os termos de muitos sociólogos. Num mundo em que cada vez mais as pessoas vivem em estado de instabilidade, de fluidez, onde as relações não se estabelecem pautadas sob nenhum critério de durabilidade e se aceleram em relações momentâneas, a ideia de comunidade surge como um novo nome dado ao paraíso perdido, ao qual esperamos ansiosamente retornar e buscamos incansavelmente os caminhos que nos podem levar a ele. Assim, a existência da vida em comunidade se sustentaria em um campo de forças entre a busca por segurança e o desejo de liberdade.

Essa vivência em comunidade, porém, não significa uma volta a um passado longínquo e nos-



tálgico, pois as condições atuais das sociedades modernas não o permitiriam. Trata-se de uma reconstrução criativa das possibilidades de se viver e se relacionar com o mundo, com base em outros princípios e valores, pautados por uma dimensão mais solidária e humanizante.

Significativamente, concluímos que a narrativa identitária da capoeira se constrói por meio de uma reflexividade que tem um papel muito importante no processo de (re)construção, (re)significação e compõem as subjetividades dos atores sociais, o sujeito que reflete sobre seu social e se torna o protagonista social de sua própria história.

...saber que os negros escravos no Brasil, que a desenvolveram, resistiram às punições corporais que sofreram quando eram pegos lutando capoeira ... Eles utilizavam a capoeira como arma de defesa e liberdade ... Isso me inspirou e sempre que me vejo em situações de desrespeito, de falta de ética profissional, e de discriminação com relação à mulher, eu me lembro sempre dos escravos que lutaram para conquistar sua liberdade.... (Edna Lima, Mestre da Abadã-Capoeira New York; informação obtida em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&rlz=1R2ACAW_pt-PT&q=eventos+sociais+feitos+pelo+abada+capoeira&start=10&sa=N>. Acesso em: 17 fev. 2010).

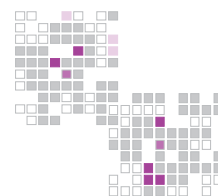
Para Bourdieu (2000), o mundo social é também representação e vontade, e existir socialmente é também ser percebido como distinto. O espaço público da capoeira aparece como espaço de consumo, mas também como espaço do agir comunicacional, de repensar a ação social e a capacidade de julgamento.

... É pesada a história da capoeira não tem beleza, o significado dela a gente traz com a gente em cada roda, isso não pode ser esquecido, ela não vem de uma coisa engraçada, legal, ela vem de luta, ela vem de morte, ela vem de sangue, ela vem

de resistência...se esquece isso perde o peso, perde a profundidade da capoeira... Futuro a gente não sabe... mestres reconhecidos tratados com respeito, como um acadêmico, um mestre, um doutor em antropologia, ciências sociais na USP (Universidade de São Paulo). Muitos dos mestres antigos não são letrados, não tem um diploma acadêmico, ele tem um diploma de uma universidade que ninguém fala, diploma de artes informais ... isso tem que ser reconhecido...(Entrevista realizada com Carlo Alexandre Teixeira da Silva, Mestre Carlão, grupo Kabula, no dia 7 de novembro de 2010, Londres, Reino Unido).

Efetivamente, na arena capoeirística, ocorre uma crítica cultural às configurações históricas do imaginário do sistema colonial que historicamente produziu uma geopolítica do conhecimento que subalterniza saberes, povos e culturas. Para Mignolo (1996) estamos vivendo a emergência de um “outro pensamento”, um pensamento liminar que aponta para uma razão pós-ocidental, ou seja, razão subalterna lutando para afirmação dos saberes historicamente subalternizados, a partir da tomada de uma consciência coletiva para pensar essas historicidades e dinâmicas transformativas, na ótica do sujeito protagonista. Então, estamos numa etapa em que as concepções de mundo até recentemente dominantes e universais vêm sendo questionadas.

A circularidade cultural da capoeira, no contexto mais amplo de um mundo atlântico transnacional e transcontinental de transmigrações de pessoas, de objetos, de práticas e de discursos, vem sendo usada em muitos experimentos legais, politicamente engajados. Desde fevereiro de 2010, a Unif, por exemplo, através do projeto CapoeiraArab, vem utilizando a capoeira como instrumento de integração, de entretenimento e recreação física no campo de refugiados de Al-Tanf, Síria. Apesar da falta de comida e de apoio educacional e psicológico para as crianças, inte-



graram as crianças, que aprenderam a importância de respeitar o próximo. Assim, “... a consultora psicossocial do campo de Al-Tanf, Patrícia Giffone, explica que, por meio da capoeira, os refugiados têm a chance de expressar a raiva e a frustração. A arte melhora a saúde física e mental dessas crianças...”⁵.

Por acreditar na capoeira como uma arte de inclusão social, outro trabalho importante, que envolve um forte instrumento de integração social, vem sendo realizado em Portugal com a associação Dialogo e Acção. Com a efetiva colaboração da Abadía-Capoeira de Lisboa, temos o desenvolvimento do projeto de *hip-hop* com capoeira para jovens ciganos romenos que estão alojados nas periferias de Lisboa. O projeto tem como

5 Disponível em: <<http://www.capoeirarab.com/>>. Acesso em: 12 nov. 2010.

objetivo tirar as crianças das ruas, e também do contato com drogas e marginalidade⁶.

No seu processo de internacionalização, a capoeira consolidou-se como manifestação transcultural do Atlântico Negro. Para tanto, a capoeira é uma arte que independente da classe social, etnia, credo, sexo, idade, ou necessidade especial é reconhecida como ferramenta educativa e tem potencializado seu caráter político e transformador, ao dar ao praticante um senso de autorreflexão, canais de participação e de pertencimento histórico (ligação com o passado) e social (ligação com o presente). A capoeira é capaz de viabilizar espaços de aprendizagem, conhecimento e de ampliação da cidadania.

6 Ver: <<http://www.facebook.com/profile.php?id=100000374825640#!/album.php?id=100000374825640&aid=24750>>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. *Capoeira: the history of an afro-brazilian martial art*. Routledge: Oxon, 2005.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig; MANSÁ, Mestre Cobra. A dança da zebra. *Raízes Africanas: revista de história da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, p. 62-69, 2009. [Coleção Revista de História no Bolso; 6].

BHABHA, Homi K. *O Local da cultura*. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BAUMAN, Z. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I – Magia e Técnica, Arte e Política / Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. 7. Ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *O Poder Simbólico*, 3. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CANEVACCI, Massimo. *Comunicação visual*. Trad. Elena Versolato. São Paulo: Brasiliense, 2009.

JAMESON, F. *A cultura do dinheiro*. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MIÈGE, Bernard. O espaço público: perpetuado, ampliado e fragmentado. *Novos olhares: revista de estudos sobre práticas de recepção a produtos midiáticos*, São Paulo, ano 2, n. 3, p. 4-11, 1999.

MIGNOLO, Walter. La razón postcolonial - herencias coloniales y teorías postcoloniales. *Gragoatá*, n. 1, p. 7-29, 1996.

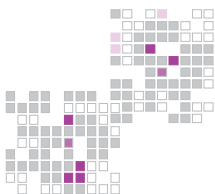
ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

REIS, Letícia Vidor de Sousa. *O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

SOARES, Carlos Eugênio Libano. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social, 2002.

TÔNNIÉS, Ferdinand. *Comunidade e sociedade*. Trad. Orlando de Miranda. São Paulo: Edusp, 1991.

VIEIRA, Luiz Renato. Criatividade e clichês no jogo da capoeira: a racionalização do corpo na sociedade contemporânea. *Revista Brasi-*



leira de Ciências do Esporte, n. 1, v. 11, p. 58-63, set., 1989.

Sites

Disponível em: <<http://capoeiramarazul.blogspot.com/2010/11/film-screening-and-roda-at-university.html>>.

Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=1870>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

Disponível em: <<http://www.british-council-of-capoeira.org.uk/>>.

Disponível em: <<http://www.facebook.com/photo.php?fbid=180264445329382&set=a.149089328446894.21895.10000374825640&ref=notif/group.php?gid=246668158898>>.

Disponível em: <<http://blog.abadacapoeira.com.br/2009/08/11/revista-abada-times/>>.

Disponível em: <www.abeiramar.tv>.

Disponível em: <<http://www.facebook.com/abeiramar>>.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=z1RHR4qH_

WA&feature=related>.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=30HF4EduFuw&feature=related>>.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=YhmjxjPsKqQ&feature=related>>.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=6jlnUM-LiSA>>.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Vtcmy3pAI4M&feature=related>>.

Disponível em: <http://www.kabulario.com/2010_10_01_archive.html>. Acesso em: 6 jan. 2011.

Disponível em: <<http://www.capoeirarab.com/>>. Acesso em: 12 nov. 2010.

Disponível em: <<http://www.facebook.com/profile.php?id=100000374825640#!/album.php?id=100000374825640&id=24750>>.

